



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

A história, a luta, e a vida dramatizadas pelos alunos Kaingang na Terra Indígena Toldo Chimbangue de Chapecó, SC

Autoria: Adiles Savoldi (UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul)

Em Chapecó, SC, a organização das retomadas de terras indígenas, em meados da década de 1980, veio acompanhada de projetos de valorização e de afirmação de identidades Kaingang. As escolas indígenas, desde 2000, têm vivenciado Semanas Culturais, no mês de abril, mas especificamente no período que coincide com o Dia do Índio, num contexto regional que foi marcado pela colonização europeia, incentivada por políticas de Estado. A programação do evento é divulgada para distintos públicos. A proposta de análise aqui consiste na reflexão sobre o teatro desenvolvido por alunos e professores indígenas e apresentado durante a Semana cultural. Raposo (2010) em seu artigo, 'diálogos antropológicos, da teatralidade à performance?', vai tratar as performances culturais e artísticas como processos históricos situados e não meros eventos in actu e in situ. A ênfase será na recriação histórica como evento performativo que articula



performance e teatralidade. O autor adverte que essas práticas estão ausentes no Brasil, e apresenta como hipótese o fato do passado no Brasil estar associado ao passado colonial português. No entanto, é possível perceber que se as inferências históricas para recriar o passado no Toldo Chimbangue não se reportam à identidade nacional, não se trata de uma celebração da brasilidade, mas, no entanto, intencionam a recriação histórica de uma ?comunidade imaginada? autóctone circunscrita às raízes ancestrais, aos laços de parentesco e de solidariedade indígena. O passado que intencionam recriar não é remoto, os Kofás (anciãos) ainda guardam as reminiscências, embora as novas gerações, no caso os professores indígenas, se reportam à historiografia para fundamentar o final do século XIX e meados do Século XX. A encenação comunica ao público presente a interpretação que a comunidade realiza de si própria. Há uma proposta educativa e performativa ao enunciar o passado, as características positivas como a solidariedade e justiça são contrastadas ao comportamento egoísta e usurpador associados aos colonizadores.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: